

**UM RIO SUSPENSO**  
contos

Marcos Visnadi

## **Sumário**

O monstro

Fábulas

A república das águas

Os aviões

Ela rasteja

Cidade submersa

As sombras

O número de mortos

História de zumbis

O governador Geraldo Alckmin

A queda do céu

Galinhas

Morangos

O vazio

Meu pai foi para a guerra

Sela

*“a ponta do invisível perfurava o tempo e as coisas”*

*Juan José Saer*

*“a vida apenas, sem mistificação”*

*Carlos Drummond de Andrade*

## O monstro

Um grunhido, um trinado, unhas grossas e azuis nos dedos dos pés e das mãos, rebolado que ameaça prédios, o monstro passeia despercebido em meio aos dentes e às línguas e aos pesos de papel, e aos fantasmas entre as árvores e aos sonhos entre os cornos, quem verá e dançará e aniquilará o monstro? Desvio da rotina, desejo de destruição, melancólico impossível – mas crescente, estranho, inútil, presente – o monstro rompe os azulejos, azeda o leite, suja o tapete de lama – é um inconveniente.

Irão nascer os caçadores, gente de ancinho e sabonete e gás lacrimogêneo na mão perseguindo o bicho manso que mastiga os nenéns nos hospitais. E virão aviões bombardeando, vírus incubados na coxa em espingarda pedindo a morte do monstro o quanto antes, o sumiço do corpo, a volta ao trabalho.

Dos olhos do monstro nascerá uma cidade. E dela, uma boca. E ela lamberá o planeta.

## Fábulas

A onça andava triste e encontrou a anta que voltava da ioga, esta lhe disse exercite-se e a onça estraçalhou-a num pulo, moral da história: a predadores não dê palpites.

\*

Duas capivaras viram deitadas um mico voar bem distante das copas, uma disse à outra mico agora voa, levou uma cagada na cara, a outra disse à uma não só voa como caga, moral da história: embaixo da copa capivara vira fossa, moral da história: se vires um mico, corre ou corres perigo.

\*

A garça não encontrava lugar de pouso e parou em cima de um hipopótamo que lhe disse eu não sou heliporto a garça respondeu e eu não sou helicóptero moral da história: sê preciso nas palavras, moral da história: se fores hipopótamo, o que fazes no Brasil?, moral da história: se não quiseres ser posto de pouso, não te pareças com um.

\*

O tamanduá e o miqui queriam brincar com o psicólogo e amarraram-lhe o rabo nas obras completas de Freud, não perceberam que o psicólogo não tinha rabo este chamou a polícia que matou os bichos com vinte tiros cada de revólver, moral da história: o mal-estar na civilização é já o bastante, não fode, moral da história: se quiseres brincar, fuge!

\*

O psicólogo e o policial estavam com fome e compraram no açougue dois quilos de orelha suína três peitos de frango e uma língua de vaca. Tempere tudo com sal grosso e asse na brasa. Moral da história: duas bocas mais que uma engolem, moral da história: policial e psicólogo têm estômago, moral da história: cuidado com quem tem fome, mas mais ainda com o dono do açougue.



## A república das águas

(um dique, fossa, foi-se construindo em volta do lugar, era a minha casa dentro de um aquário. Eu não tinha casa. Me impressiona saber que o maior peixe do mundo, vi na tevê, se alimenta quase que exclusivamente de sêmen e ovas de outros peixes, que nadam em cardume espiralar e soltam gozo pra que a corrente faça os filhos, siga a dança, e sobre a minha cabeça vejo arraiais bichos bravos militares de alto-mar, esta água ebulição, represa, prisão, a gente da cidade vizinha vem pescar aqui, desvio dos arpões,

se eu estivesse dentro de você, tanque, mas em prados e savanas igualmente,

a presa não escapa pela tangente.)

Construíram às portas do país uma barragem para o mar. As ondas se acumulavam em força e criaram um ódio fundo da gente. Não tardou mais que alguns séculos (as águas são o tempo) e o sal rompeu os muros, corroídos, o mar feito manada exército inimigo inundou nosso chão. Neste momento estamos mortos, trancados no rancoroso ventre das águas.

O helicóptero que sobrevoa esta desgraça busca lugar de pouso.

“O tempo está bom hoje, não, comandante?”

“Está sim, senhor governador.”

Os soldados que guardam a vida dos tripulantes metralham a água abaixo, um pouco por diversão, um pouco por costume, também mera revanche, e caso haja algum sobrevivente, e também por incontida indiferença aos peixes.

“Ah, acho que encontramos um lugar!”

“Ah...”, o governador boceja.

O helicóptero pousa na única ilha do mundo. “É pequena, mas deve dar.” Uns macaquinhos curiosos chegam perto e logo são abatidos, dos couros fazem cachecóis e a carne comem tostada na fogueira. “Não estava nada mal.” De pé, vê-se todo o entorno, águas calmas tentam subir pelas praias. Vê-se toda a ilha. Tem a forma de um pássaro gordo, mais bem de uma galinha.

“Dormiu bem, senhor governador?”

O governador e sua senhora arrumam os cabelos. A mulher vai para o fio d’água que brota do centro e lava o rosto, os pés e as orelhas. Olha para os lados envergonhada, todos desviam a cara e ela lava os sovacos e os seios por debaixo do sutiã.

“É melhor começar as obras logo”, diz o governador. “Não temos porque perder tempo.”

O tempo, sabe-se, evapora. E os soldados tiram do helicóptero sacos de cimento, começam as barragens. À noite, revezam-se na mulher que levam prisioneira e que, para que não se mate, é mantida sempre sob a vigília de uma pistola. Quarenta dias depois, já têm pronta a muralha da ilha.

Deixadas de fora, as ondas arranham e retrocedem estrategicamente. Os peixes se preparam.

\*

“Eu não acho”, diz a primeira-dama, “que a gente deva pintar os muros.” O governador só tinha sugerido por apatia. O pescoço dele formiga de sono. A primeira-dama olha com alguma melancolia para a mulher acorrentada que varre o chão com uma pistola apontada pra cabeça. A primeira-dama suspira, também apática, pensando que seria transtorno colorir os muros, imagine o cheiro de qualquer tinta preso naquela terra sem brisa, e ter de olhar as mesmas cores para sempre. “Mas, se você quiser, eu não me oponho”, diz ao marido.

O marido cochila em silêncio. A primeira-dama suspira quando percebe, e volta a encarar os entornos cinzentos de sua nova casa. Procura na mente algum catálogo de cores, retângulos imóveis coloridos, ela era muito boa pra visualizar essas coisas. Antes da cheia (como os da ilha chamam esta desgraça) em rodas e festas até diziam que esse era o seu talento. Ela nem dava muita bola, mas é sempre gostoso ter um talento. Visualizar as coisas.

“Eu acho”, ela pensa, como se estivesse falando para o marido, era seu costume, ensaiar, e recompõe-se pra ser mais ela mesma ao dizer, em pensamento, o que diz:

“Eu acho”, pausa breve, “que bege é uma cor linda.”

## Os aviões

A cada dia caem novos aviões, com centenas de passageiros em cada um e uma tripulação inestimável. Caem sobre prédios ou campos abertos, matam outras centenas de pessoas ou algumas vacas no solo, deixam arbustos feridos, mas os arbustos não entram na contagem. Destroem tudo o que choca com a queda.

\*

Inventaram aviões recobertos de borracha e de pelúcia. Funciona assim: quando cai, a máquina quica fofa. Os passageiros muito bem atados, presos em microcápsulas e altamente protegidos, nem percebem. Em solo, tudo que o avião toca é esmagado e morre. Outro problema: quando ele cai no mar, se empapa da água salgada e afunda até que ninguém mais o encontre. O fundo do mar é mais desconhecido da ciência do que os confins do universo. Centenas de naves empapadas cobrem a superfície estrangeira das fossas abissais. Os peixes passam por elas com suas lanternas.

\*

Colocaram telas de proteção sobre as cidades. Nos latifúndios do campo, depende do investimento da Monsanto. Assim, agora, quando os aviões caem eles quicam um quilômetro acima da nossa cabeça e já não tem mais perigo. As pessoas, os prédios, o gado e as gramíneas agradecem. O sereno da madrugada condensa nas telas e pinga na gente até próximo do meio-dia. Os ecossistemas se ressentem, principalmente em alguns lugares de concentração de queda de avião. A sombra só deixa que as plantas sombrias cresçam. Há uma epidemia de falta de vitamina D. Problema: o que fazer com toda essa gente presa, trapezista no céu, esperando resgate? Problema: como cobrir todos os mares?

\*

A última edição da Convenção Internacional de Especialistas em Quedas de Avião estava pela metade, novamente, porque aviões caíram no caminho. O presidente da associação abriu os trabalhos com um discurso emocionado, anunciando os resultados do relatório técnico sobre a queda. Segundo esse relatório, é impossível evitar que aviões caiam. Os jornais notaram o semblante melancólico dos homens da ciência. A única solução, segundo o relatório, é reverter a gravidade, mas isso é pouco provável, pois nosso conhecimento é muito limitado.

\*

A gravidade finalmente foi revertida. Os aviões, pasmem, já não caem mais. Todos chegam ao destino. Os destinos, no entanto, se desprendem do chão e vagam aleatoriamente na atmosfera do planeta. Os aviões ficam suspensos, eternamente procurando o seu lugar de pouso. As águas deixam os seus leitos e se misturam ao ar sobre os continentes. Aumenta o número de mortes por afogamento.



## **Ela rasteja**

Ninguém jamais acariciou a cabeça de uma galinha. Mas tem os que se encantem por serpentes. Muita gente cria serpentes em casa, as tem de estima. Dão nomes, humores, carícias.

Eu não escolhi a minha serpente. Se escolhesse, preferiria uma galinha. Talvez fosse pior. Eu posso escolher não ter nada? Ser minha própria estimação, me levar a passeio, alimentar e fazer festinhas, veterinário periodicamente, não, é como disse: eu não escolhi. E, já que não foi minha escolha, me apresso a dizer, também: não tenho culpa. Ainda que ninguém tenha me acusado de nada. Eu me acuso.

A serpente mora dentro de mim. Eu sinto ela rastejando entre os músculos, no intestino, no coração. Não chega aos dedos dos pés porque neles seu corpo roliço não cabe. Mas às vezes ela descansa na minha batata da perna, seu rabo fino repousando no dedão, encaixado entre ossos e carne, sob a unha grossa.

“Senhor Marcos de Campos.”

O médico me diz que essa é uma doença rara. “Muito comum na África”, mas no Brasil temos poucos casos. “A cobra não faz mal nenhum enquanto for bem alimentada.” “Mas o que ela come?” O médico me passa uma lista de alimentos indispensáveis: ratos e pequenos anfíbios. “Vivos?” Claro que não. “Mas é bom você fazer exercícios físicos regularmente. Assim se movimenta, e a cobra pensa que a presa está viva.” Eventualmente, ele diz, ela pode ficar muito grande. Nesse caso, é necessário uma intervenção cirúrgica. Retiramos uma parte dela. “Não dá pra extrair ela inteira?”

“Agora ela é parte do seu corpo. Se a retiramos, você não sobrevive.”

Me explica que várias funções biológicas minhas foram transferidas para o corpo da cobra. Ela é como um feto ao contrário. Está em mim e me alimenta. Está em mim e se alimenta. “Se não for bem cuidada, ela pode ficar arisca. Há casos de pacientes que morrem envenenados com uma picada no fígado.” No limite, ele me explica, ela abocanhará o meu cérebro inteiro. E ficará digerindo enquanto meu corpo se decompõe sob a terra. Então ela morre.

Saí do consultório e fui direto à loja de animais. “Dois casais de ratinhos brancos, por favor. E uma gaiola bem grande.” O atendente me olha e já sabe que eu tenho a cobra. Bobagem, não tem como ele saber. Pago, saio com as compras bem escondidas num pacote. Com certeza ele desconfia.

\*

“Tem camisinha?”

Tenho. Ele veste rápido, gel e continuamos. Sinto a cobra acordando e ficando inquieta. “Espera um pouco.” Acaricio ela sob a pele. “Tudo bem?” “Tudo.” Calma. “Vem.”

Guardo os ratos na área de serviço, meio escondidos. O cheiro é forte, então tenho que deixar a janela aberta. Eles se reproduzem muito rápido, tenho que ficar atento. Como alguns por dia. Quando são mais do que eu preciso, mais do que eu aguento, deixo eles sem comida por um tempo. Então eles se comem uns aos outros e a população diminui. Não digo isso a ninguém. Às terças e quintas como patas de rã no restaurante aqui do lado.

Agora já faz cinco anos que descobri que tenho a cobra. Ela aumentou um pouco de tamanho. “Está ótima!”, o médico diz. Quer dizer que ainda não preciso operar. Quando esqueço de fazer ginástica, ou quero morrer e por isso a ginástica não faz sentido, e eu não faço, sinto uma pontada no fígado, fico com dor de cabeça. Pode ser só minha imaginação. Mas, como não vejo a cobra, não tem como saber. Tenho medo, espera.

Outro dia conheci um cara. Enquanto a gente se beijava, ele sentiu o movimento na minha nuca. Tirou a mão e se afastou assustado. Sorri sem graça. “Que foi?” Ele me olhou desconfiado, sem saber o que esperar. É que, veja, eu não sou a cobra. Ele procurou escamas no meu rosto, narina ofídica, língua bipartida. Veneno. Minha cara gorda é a mesma que eu tinha antes de a cobra em mim, com o acréscimo de alguns anos de idade. Ele foi embora. Eu fui para a cozinha e matei um rato, comi. “Você estava com fome, né?” Ela foi abrindo espaço nas minhas costas, enrodilhada no longe da coluna até o cóccix, bunda, descanso da perna. “Por que você não dá um nome pra ela?”, alguém sugeriu. “Você nomeia o frango que come?” São situações completamente diferentes, eu sei. Mas respondi tão bravo que a pessoa ficou sem graça, falou um “não” com desculpas, não se tocou mais nesse assunto.

Se eu pudesse escolher, não teria essa cobra. E não gostaria de ter, pensando bem, uma galinha morando em mim, também. Menos ainda. Bichos geográficos, tênias finas como papel, vermes na cabeça. Vasta fauna, nosso corpo fosse uma floresta. Você esperava a civilização dos prédios, homens e mulheres bem-vestidos? Eu sim. Mas o selvagem.

Vejo minha gaiola de ratos e penso que não tenho muito que reclamar. A cada um seu bicho próprio. A mim, a cobra. Sinto cócegas no estômago, nas axilas. Ela se mexe. De vez em quando, à noite, sacode seu chocalho. Acordo assustado.

## **Cidade submersa**

O primeiro peixe cruzou o céu como uma sombra cruza o escuro, mas os peixes seguintes eram poucos, logo muitos, e de tantas cores e tamanhos que não havia, entre os que viam, quem não os visse. Aquele traçado grosso atrapalhava antenas e helicópteros, parecia que o dedo de Deus tinha sulcado um rio suspenso sobre o outro, vala de esgoto a céu aberto, preso entre automóveis e muralhas de concreto, que se movia morto naquele lugar de sempre. A cidade se acomodou, porque a tudo se acomoda, nunca chega o ponto em que a cidade se enche e transborda o próprio cotidiano, perdendo as formas e os trajetos. E enquanto uma senhora abanava a cabeça e pensava: “Não falta inventar mais nada”, crianças driblavam a polícia para pescar, com pedras, no alto do viaduto, os peixes voadores. Contam que quem come algum desses peixes sente uma leveza no lugar das tripas, e que uma dieta exclusiva deles faz a pessoa levitar até o nível do outro rio, de onde se vê o mundo aqui embaixo como uma civilização perdida no subterrâneo. Não conheço ninguém que tenha feito a experiência. Os peixes seguem esse curso por centenas de quilômetros, acompanhando as mudanças de rumo e de idiomas do rio gêmeo aqui debaixo. Quando as águas enfim penetram no oceano, uma coluna de peixes sobe em cachoeira para cima e desaparece de um jeito que a ciência ainda não deu conta de explicar.

## **As sombras**

Uma sombra passou diante dos olhos e foi sugada pela distância. Quando olhou pra baixo, sua sombra não estava mais ali. Saiu correndo atrás daquela que pensava ser ela, e que devia ser, porque todas as pessoas têm suas sombras presas no chão, grudadas nas paredes, nadando diluídas na água. A luz do sol alto queimava os prédios e o asfalto. A sombra fugida era veloz e nunca mais foi vista.

Todas as sombras passaram diante dos olhos. Como se um ralo aberto de luz tragasse elas. E as pessoas correram atrás de suas sombras e se amontoaram nas esquinas, várias morreram pisoteadas. Notícia que não daria em nenhum jornal. Os jornalistas, correndo atrás de suas próprias sombras, não compareceram às redações. O dono do jornal estava em sua sala acolchoada e não percebeu nada.

Ninguém é mais rápido que a escuridão. Nem eu. Em algum lugar incógnito, as sombras de todo o mundo se acumulam, se amontoam e formam um novelo escuro e crescente. A bola de neve do demônio. Que vai nos soterrar quando estivermos, dia claro, procurando no chão a noite que vem do alto.

## **O número de mortos**

O número de mortos cresce exponencialmente e ninguém mais consegue calcular. O governo lança um edital de contratação destinado a suprir o déficit de funcionários responsáveis pelo departamento de contagem de mortos. Mas o número necessário de novas contratações é muito maior do que o número de pessoas vivas na população. É que morre muita, muita gente. Então o governo emite um decreto em que obriga cada recém-morto a comparecer ao cartório mais próximo, emitir duas vias de seu atestado de óbito, sendo que uma fica consigo e outra deve ser depositada numa caixinha dourada. Quando o morto não comparecer no período estipulado, um juiz poderá acionar a força policial para constrangê-lo, se preciso utilizando violência física. O número de policiais cresce exponencialmente e ninguém mais consegue calcular.

## História de zumbis

O verão mais quente da história do país liberou nos mortos uma enzima ou sabe lá e eles se levantaram como podiam, as covas ao contrário, fedendo andaram atrás dos vivos com dentes pra comê-los. Assustados, os vivos morderam primeiro.

\*

Final de Copa do Mundo, o time do Brasil em campo no Maracanã cercado pelo exército, a presidenta e o presidente da Fifa apreensivos sorrindo para as câmeras, no exterior a imprensa noticia que zumbis tomaram o país e ameaçam as seleções do mundo todo, granadas estouram do lado de fora, um jogador sai de campo chorando sob vaias de pessoas que pagaram muito caro para assistir esse jogo e agora esperam que o mundo dure pelo menos mais um pouco.

\*

As balas atravessam os crânios embaixo dos cocares. Matar esses índios filhos da puta. Porta-voz da presidência da república: lamentamos que a epidemia tenha atingido a totalidade dos povos indígenas. As Forças Armadas não pouparão esforços para proteger o resto da população brasileira, que enfrenta a ameaça dos mortos-vivos altamente canibais. Permaneçam em suas casas, com as luzes acesas.

\*

Formaram comunidades fora das estradas e levavam pra lá cada nova pessoa contaminada. Uma ordem judicial mandava desocuparem o lugar. Depois o governo dava, a cada zumbi, uma ajuda de custo pro aluguel e um menino negro pro café da manhã.

\*

A Polícia Militar testou hoje uma nova tática para conter as manifestações e inibir a violência de vândalos. Treinados com artes marciais e armados apenas com facas e garfos, os policiais comeram aproximadamente 230 manifestantes temperados com sal grosso. Segundo o comandante da PM, a operação foi um sucesso. O governador declarou que irá se encontrar com a presidenta para discutir novas estratégias de segurança pública. Especialistas afirmam que o país tem fome.

## O governador Geraldo Alckmin

O governador Geraldo Alckmin se viu sem roupas as mãos cobrindo as vergonhas na cara que ele não tinha e pensou o que estou fazendo aqui, era o último habitante da cidade de São Paulo, que de resto estava como sempre esteve, só que nada funcionava. As capivaras olhavam o governador tropeçar margem acima do Tietê alcançar a ciclovia vermelha e os pés pelados no asfalto e as capivaras voltaram a olhar o horizonte lixo. Geraldo Alckmin estava sozinho, sem helicópteros que o salvassem, sem seguranças sem shoppings fardados, é triste ser o último homem de São Paulo, mais triste ainda ser Geraldo Alckmin.

Com trinta e nove graus nas solas dos pés ele cruzou as avenidas a ardência na careca os testículos escondidos entre os dedos a educação católica não deixava ele sentir as coisas boas, o mormaço materno à rara sombra, o silêncio de milhares de quilômetros sem carros e sem pássaros nem crianças nem serpentes, pense senhor Geraldo Alckmin, se fosse o primeiro homem nesta terra há dois mil anos, quanto medo o senhor teria, quantas serpentes!

A vidraça foi quebrada com cocos no Bom Retiro e da loja popular ele pegou um short uma camisa e sandálias de borracha cuja procedência absolutamente nos escapa, tudo passa pela Amazônia, seringueiros, pau de arara? Multinacionais trabalho escravo análise de mercado? E elas seriam suficientes pra andar até o Palácio? E que teria acontecido com a cidade de São Paulo, catorze milhões de pessoas evaporadas e um governo desnudado inconsciente às margens do rio de pedra? O governador Geraldo Alckmin se perguntava muitas coisas, e de tanto murmurar ia ficando desidratado.

No Morumbi, já à noitinha, pulou portões caiu barranco e olhou espantado o céu escuro sem nuvens nem estrelas, o Palácio amarelado agora a seu alcance, mas que cansaço, o peito mais que ofegante, sua boca seca como a cabeça. Sabia que o cérebro flutua num líquido claro? O quente gostoso do piso do estacionamento amansava as suas costas. Ele quase adormecia quando três bombas de gás lacrimogêneo caíram ao seu lado.

## A queda do céu

A primeira flecha atingiu a luz e depois o vento e se perdeu no nada. Quantas caíram antes que um pescoço fosse furado, as costas de uma criança branca ultrapassadas e os cachorros e o gado e todas as fábricas do país fossem fechadas? À noite, se às vezes o barulho da queda por alguns minutos dava uma trégua, a gente se encolhia no cômodo mais escondido da casa e escutava muito longe, talvez se aproximando – uma espécie de canto. Depois de semanas de ataque ininterrupto, o céu claro de novo dava esperança de que os metros de madeira e plumas e veneno que cobriam casas e cadáveres não fossem nunca mais se repetir, mas uma marcha de vozes e pisadas fortes se aproximou rápido e nos empurrou para as galerias de esgoto. Entre goteiras de sangue dos que não correram, nós ouvimos: a ciranda dos povos bárbaros, o chão sobre as nossas cabeças tremendo,

o medo  
de  
nunca mais  
sermos os mesmos.



## Galinhas

Não dá pra dizer que ele não soubesse. Se até eu sabia. Não tem pele segura, líquido que cure, vacina que previna, não tem nada disso – solução, desculpa, todo mundo sabe. Você é um egoísta. Ele ficava gritando isso pra mim. Egoísta. É só em mim que eu penso mesmo. E daí? Se você não pensa em você, quem pensa? Todo mundo. Claro. E eu penso em todo mundo, mas não sou responsável pela merda de todo mundo. Cada um contra si.

Depois que a gente brigou, eu queria ficar sozinho. Me mandei à merda. Era domingo. Se fosse outro dia, eu teria que trabalhar. Ainda bem. Andei pela merda da cidade, pra caralho, saí do centro e fui subindo e depois descendo em direção ao rio. Pensei que se fosse há trezentos anos o rio estaria limpo e eu poderia nadar nele, mas talvez correr o risco de ser mordido por uma cobra venenosa e morrer. A gente sujou o rio, tirou o veneno das cobras e injetou nos úteros, nas merdas dos pintos, até no leite materno. E eu não vou morrer desse veneno, porque agora é uma merda de uma doença crônica. Então eu vou morrer de qualquer outra coisa, é o que dizem. Como se isso fosse me consolar.

“Você vai morrer, mas de outra coisa”, é o que dizem. “Você vai viver muito ainda”, como se isso fosse me consolar. Tá bom, então qual é o problema? Todo mundo não sabe da doença? Não tá todo mundo careca de saber que não é pra trepar sem camisinha? Se ele trepou comigo sem camisinha, foi porque ele quis. Mas que caralho.

“Alô.”

“Oi... Paulo?”

“É.”

“Ah, desculpa. É que a ligação tá ruim. Aqui é a Marina.”

“Eu sei.”

“... Escuta. O Carlos me contou o que aconteceu. Posso passar aí?”

“(Cacete...)”

“... É só pra, é só pra conversar. To indo aí, beleza?”

Desliguei o telefone. Falei se ela podia trazer alguma coisa pra comer, ainda não almocei. Já que ela vem de qualquer jeito. Você é um irresponsável! Olha, se fosse 1988 eu até entendia, mas hoje não rola. Campainha.

“Como é que você faz um negócio desses, Paulo?”

Ela tinha trazido um yakissoba. “Você não vai comer?” “Não, brigada, já almocei.” Ele ainda estava de pijama e não cheirava muito bem. Achei melhor não pegar tão pesado com ele.

“Não é só pelo Ti. É por você. Cê sabe que é perigoso se infectar outra vez ou pegar outra DST, já imaginou? É por você!”

Ela trouxe de frango. Eu fiquei imaginando as galinhas nas granjas. Elas não dormem, sabia? Eles põem uma merda de uma galinha do lado da outra e socam a luz na cara delas. Isso pra elas botarem ovo, mas pra abate deve ser a mesma coisa. E cortam o bico delas, porque elas ficam loucas e estressadas e ficam bicando umas as outras, cérebro de galinha, crânio de galinha furado. Aí eles matam elas, engordam cheias de hormônios, estressadas, nunca dormem, não conseguem nem bicar ninguém, as merdas das granjas. Fiquei pensando nelas. Eu sou o menor dos problemas, não acha?

“Você precisa se cuidar. Porra, a vida não acabou.” Imito a voz dela “a vida não acabou”, esganiçada, EU SEI EU SEI QUE SACO. É um saco você estar vivo e todo mundo falando que a vida não acabou.

O Ti ainda teve sorte. No dia seguinte ele contou pro Carlos que a gente transou. No meio da conversa o Carlos descobriu que tinha sido sem camisinha. O Carlos sabia que eu tava infectado. O Ti não. Mas ele podia ter se cuidado, e se eu não fosse amigo dele? E se eu fosse um desconhecido? “Mas você É amigo dele.” O Ti teve sorte. Foi na merda do postinho e tá tomando a merda dos remédios e isso previne a infecção, se você começa até 72 horas depois, é o que dizem. Eu só soube meses depois e já não dava tempo. Fim. A Marina tá tentando ser legal comigo. Mas dá pra ver que ela tá puta. Ela fica pondo o cabelo atrás da orelha, apesar de ter cortado semana passada bem curtinho. Virou um tique. Eu ponho o prato de lado.

“Você fez de propósito?”

(Gosto de frango na boca.)

“De propósito o quê?”

(Cabelo atrás da orelha.)

“Transar com ele. Sem contar. Querendo que ele pegasse também. Você fez?”

Quando eu transei com o Carlos, foi logo depois que eu soube. E o Carlos foi o primeiro pra quem eu contei. Eu tava chorando e ele me comeu. Começou a me beijar, fazer carinho na minha cabeça, tirou a camisinha do bolso. Foi tirando a minha roupa. Eu só chorava. Não resisti, mas também não é que eu QUISESSE. Eu deixei. Ele pôs a camisinha, pôs em mim, deitou por cima e me beijava. Dizia que tudo ia ficar bem. Sei lá o que ele tava pensando. Pra mim, não importava. Eu gozei e depois parei de chorar. Ele pegou a minha porra com a mão e passou no nosso corpo, na minha barriga, no peito dele. Ficou me abraçando um tempão. Depois quis pedir uma pizza. Eu não queria falar. Isso ninguém quer saber. Ele transou comigo pra quê? Pra mostrar que eu ainda tava vivo? Grande merda ficar acusando os outros de egoísmo.

A Marina me deu um beijo na testa e foi embora. Toma um banho, escova o dente, quer que eu fique? Não. Quer que eu lave a louça? Não. Quer que eu compre alguma coisa pra você? Comida? Eu queria que ela fosse embora. Mas eu gosto dela. Falei que não, que eu só queria ficar sozinho um pouco. Ainda era domingo.

A cidade tem dois rios principais. Os dois são duas valas de esgoto gigantescas a céu aberto. E tem mais uma infinidade de rios que ficam presos debaixo do asfalto. É uma cidade bem estúpida. Se você pensa no jeito como a gente vive, eu sou mesmo o menor dos problemas. Tem muita coisa muito pior acontecendo.

A campanha de novo. Pensei que era a Marina de volta, tinha esquecido alguma coisa. Mas não era.

“Oi.”

“Oi.”

“...”

“Posso entrar?”

Ele entrou. “A Marina me ligou. Disse que tinha vindo aqui.” É, ela veio. Trouxe o almoço. Ainda tem um pouco, yakissoba, você quer? Não.

“Por que você não falou nada pra mim?”

Dava pra perceber que ele tava putto. Mas o Ti é um cara muito controlado. E ele nunca fala nada quando tá putto. Só depois, quando já tá controlado.

Eu ainda tinha o gosto de frango na boca. E uma sensação de que tudo é aleatório. Tipo: nascer ou não nascer frango. Quem é que escolhe? Quando você vê, está numa granja, nunca nem viu uma galinha ciscando solta. Quando você vê, olha pro lado e tem outra cabeça de galinha, que você nem sabe que é igual à sua, porque você não tem espelho. E você quer bicar ela, mas não tem bico. Porque você não tem o que fazer. Aí você me diz assim: ah, mas a gente é humano, pra gente é diferente. À merda que é. Se você fosse galinha, talvez também se achasse diferente. E ia acabar no meu estômago. Ia virar merda e deixar gosto de tempero chinês na minha boca. É tudo a mesma coisa.

Eu não sabia o que responder. Não sabia mesmo. Eu não queria que ele ficasse doente. Eu gosto dele. Mas eu não sabia dizer isso. Porque se eu fosse dizer eu começava a querer chorar. E aí eu comecei a chorar muito. Você já imagina o que aconteceu. Eu não esperava, mas depois fiquei pensando, fazia sentido. O Ti me abraçou, começou a fazer carinho na minha cabeça, a me beijar e a dizer que tudo bem. É uma merda quando dizem “tudo vai ficar bem”, mas não foi isso que ele disse. Ele disse “tudo bem” porque ele me perdoava, nem que nada fosse ficar bem. Isso foi foda. Depois eu fiquei pensando muito nisso, como pode estar tudo bem se nada vai ficar bem. Mas às vezes é assim mesmo, parece. A gente se beijou. Ou melhor, ele me beijou, eu aceitei. Eu não sentia forças pra nada, nem pra me mexer. Então ele foi tirando a minha roupa, a roupa dele, e a gente deitou no chão e ele ficou me abraçando e se esfregando em mim e dizendo que tava tudo bem. Eu fui ficando mesmo mais calmo, mas nem por isso o choro diminuiu, porque é uma merda. Ele vestiu uma camisinha e me comeu. Eu fui parando de chorar. Meu pau ficou duro, gozei. Ele gozou também, mas dentro da camisinha. Eu tinha gozado na minha barriga e ele espalhou a porra no meu corpo com a mão e a gente ficou lá, deitado junto, no chão sujo porque eu não tinha varrido fazia tempo, e ele me abraçando. Às vezes eu pensava nos rios correndo embaixo da cidade e no esgoto exposto, mas não pensava nisso com raiva. Só pensando mesmo. O que me faz ficar triste, mais triste que tudo, é de fato pensar nas galinhas presas na granja. Que vivem desse jeito que eu contei pra você.

## Morangos

Um morango surgiu no canto de cima do meu quarto. “Que nojo!” senti minha mãe, e pediu à empregada que arrancasse o morango. Com vassoura, a empregada o esmagou na parede, sem querer, só queria fazer ele cair. Xingou-se em voz alta, em silêncio xingou minha mãe. Teve que limpar o vermelho subindo na escada.

\*

Minha casa foi tomada por morangos. Após a quarentena, a vigilância pública nos liberou e fomos habitar um hotel no centro da cidade, a prefeitura subsidiou nossa estadia e a casa permaneceu cercada por faixas pretas e amarelas, afaste-se, guardas que impediam que as crianças tocassem os morangos e os comessem.

\*

No lugar dos rios que recheavam a cidade, valas de morangos rasteiros, vermelhos, verdadeiros. Arbustos contínuos jorravam contra as margens. Dos prédios pendiam os frutos vivos, brilhantes quando o sol batia, das oito da manhã às seis da tarde. A gente ouvia o choro das mães entre as paredes. Os homens caminhavam assustados, vencidos. A cidade foi evacuada, sob ameaça de bombardeio.

\*

Peras. Papaias, goiabas. O açúcar líquido das plantas. Escorrendo em seiva os continentes escurecem. Você desperta e dorme todo dia. Quando tinha treze anos, um morango apareceu no teto, no canto de cima do seu quarto. Sua mãe disse “Que nojo!” quando viu. A empregada veio com a vassoura.

## O vazio

Bancos em flores e namorados no jardim, o vazio nasce entre formigas mínimas, sementes do infinito, e brota crescendo de pouco em pouco / o vazio vai engolindo as graminhas e as florzinhas e os animaizinhos, insetos depois pássaros e gatos e cachorros, a cavalaria da polícia, o vazio engole a polícia / e os namorados, e os bancos onde os velhos estão sentados, e os velhos com seus passados / uma sirene é acionada, mas o vazio engole o som e a sirene e agigantado chega ao céu / o vazio engole o céu, e debaixo dele, e se espalha até que abrange o planeta e os planetas e a galáxia / enquanto houver matéria de qualquer maneira o vazio continuará crescendo / nos confins do desconhecido ele encontra a sua fronteira / e já não é necessário / o vazio se funde ao que não estava / e era impossível / e o esperava.

## Meu pai foi para a guerra

Meu pai não deixava ninguém sair de casa. Se saía, tinha que levar celular, suprimentos e cordão de identificação.

“Porque a guerra vem.”

A guerra sempre vinha. Um avião despejando bombas, veneno no abastecimento de água. Corjas que durante a noite invadiam nossa casa e estupravam a família, exércitos ninja, ianques famintos. De todos os lados a guerra vinha. “Mas, pai, você não vê que está tudo bem?” Eu tinha feito dezoito anos e ele me olhou com suspeita. Nunca sabemos onde está o inimigo.

Quando ele tinha dezoito anos, foi levado pelo exército e obrigaram ele a beber sangue de galinha para sobreviver na serra. Então ele sabia nos proteger do que viesse. O que vinha era a gente mesma, mas no futuro. Meu pai nas barricadas do futuro. Ou então o passado, fotos antigas e manipuláveis. Meu pai trancava a casa e revezávamos na vigília. Alguém sempre tinha que estar desperto, pois à noite vêm os lobos. Jesus disse: voltarei como um ladrão, não saberão a minha hora. E raios de luz desceriam dos céus, cegariam os infiéis. Meu pai, arrebatado, nunca mais precisaria beber sangue de galinha. Era perigosa a nossa vida. Também está escrito, no Apocalipse, que é o livro das revelações:

“E naqueles dias buscarão a morte. E não a encontrarão.”

“Pai, dorme um pouco!”

Já eram vinte e sete anos de espera. As notícias pela televisão eram recebidas com ansiedade e igual desconfiança. Opositores do regime prenderam o presidente líbio. Torturaram-no até a morte. “Até a morte” é muito ou pouco tempo? Não sei, ainda não morri. (Mas às vezes parece que a semana passa mais rápido.) A chefe de governo dos Estados Unidos ri do fato. Em Cannes, um encontro de líderes mundiais sitia a cidade, impede o livre trânsito de pessoas, força à revista mulheres grávidas e crianças de oito anos. O mundo é um lugar seguro, igual a nossa casa. Mas e o tempo?

O tempo mata indiscriminadamente.

“É ele que vem”, diz meu pai. Observa pela fresta do portão. Passam vizinhos com seus cãesinhos. Nossa casa está pichada com palavras que machucam muito. Queria eu ter pichado elas. Mas estou sempre aqui dentro. E estoura uma granada.

“Vamos!”

Por trás do sofá, meu pai veste um capacete, improvisa um abrigo sob a mesa. Os delírios são constantes. Ou será que eu é que estou delirando? Quando vejo da janela: que o mundo não se move. (Explode.)

A Terra, no entanto, dá uma volta completa em pouco menos que vinte e quatro horas. Fico em dúvida: pra que lado? Caio. Meu pai me pergunta: “Você está bem?!”. Respondo que sim, só tive um ligeiro mal-estar, uma zonzeira. “Filhos da puta!” Não, não foi ninguém, pai, fui eu mesmo. “Proteja-se!” (Explode.)

Esta paz é uma desgraça. Tenho a ideia de vestir uma máscara e atacar meu pai de surpresa, as guardas baixas. Matá-lo e tomar seu sangue como se fosse o da galinha. (Ai, galinhas, que inveja, vocês sem guerra.) “Precisamos de mais suprimentos.” (É só uma ideia.) Saio me arrastando pelo portão. Já na rua, sob o olhar malvado de alguma criança, me recomponho como homem coerente e vou até o mercadinho da esquina, coluna reta e destemida.

“Eu quase nunca vejo vocês. Sem querer ser indiscreto: você trabalha no quê?”

O dono do mercado me entregaria à polícia. Eu e as minhas latas de atum. “Sou escultor.” “Ah...” Ele parece não saber o que fazer com a informação. “Como assim? Faz esculturas?” Imagina o busto de alguém muito importante, sério, e um cinzel entre meus dedos. Um homem honrado, branco, de bronze, ereto em praça pública, uma montanha à nossa vista. Não consegue visualizar o rosto nem o nome na placa pegada ao mármore. De qualquer modo, está admirado. “Mas você não faz escultura de político, né? São todos uns ladrões.” Digo que não porque ainda não me obrigaram. Entrego pra ele um pacote de salsichas. “E você mora sozinho?”

Desejo boa-tarde e volto pra casa curioso de como seria se eu fosse escultor. Há que manter o máximo sigilo. Fico triste por não saber mexer em bronze, pedra, terra ou madeira. Trago álcool e uma caixa de fósforos. Tacaria fogo no meu pai quando ele estivesse distraído. (É só outra ideia.)

Atravesso as barricadas da minha sala, da minha cabeça. Quanta bagunça. “Pai?”, pergunto pela casa. Mas a casa não responde. Guardo a comida atrás do móvel da televisão, abro o pacote de salsichas e mastigo a ponta de uma, pensativo. Às vezes fico muito sozinho.

Pai?

Mal percebo que alguém entrou em casa. Estava dormindo, essa hora em que nos descuidamos do mundo dos vivos. Tive sonhos agitados e esquecidos. Uma luz ora azul ora vermelha tinge as paredes da sala e homens bravos gritam em português coisas que eu não entendo. Se alguém fizesse meu busto, seria um amontoado de folhas secas, ou de restos de papel, cascas de fruta jogadas pelo vizinho. A vala comum dos dias guarda monstruosidades e dela brotam plantas comestíveis que alimentam toda a população. Uma viatura me espera. Não há mais crianças na rua. Quase não consigo olhar em volta. E porque eu nunca servi ao exército, e porque eu sou órfão, e porque ainda não chegou a guerra, é que me absolvo. Então eu vou.

## Sela

Era um cavalo, mais bem uma égua / e feita de sonho / que cresci na cidade, sou homem sem iguais / mas trotava e nisto / sobrava-lhe casco indomável bruto animal fora do tempo / da égua eu só sabia sua aparência / pelo escuro grosso corpo / e me imagino com ela entre as pernas / cru galope suor arder-me / o destino e a virilha

Mas não admite nome, a égua. Eu batizo “A dor do mundo” não pelo que do cavalo vejo, mas pelo vislumbre cavalgada. Nossas ganas num mesmo caminho, estribos e cabrestos que eu controle. A égua trota longe e eu fico da janela olhando enquanto escrevo pra este mundo. Depois ela morre e outra trota.

Morre. A égua é condenada a morrer. E eu sou condenado a ver que a morte se renova. Seu corpo, feito carimbo, vai deixando cadáveres dela mesma / que / viva / segue a corrida sem rumo, em voltas à minha vista / primeiro desvia dos cadáveres-dela-mesma que se espalham pelo chão / mas logo não sobra chão e ela tem de pisar sobre eles. Até suas coxas o sangue espirra, o marrom brilhante se avermelha, coagula ao sol e ao vento, faz frio, os cascos duros esmagam ossos que cortam ossos. Eu (eu) sou meu próprio cemitério. Diria a égua se fosse eu. E eu não diria nada / se fosse ela.

A dor do mundo enfim se recolhe, penso, ao seu estábulo. É noite e tudo fica silencioso. A dor do mundo dorme, cheia de crostas castanhas do seu próprio sangue de outras. Os grilos estalam no escuro uma almofada espinhosa, macia. De viés na eclíptica deitado é que eu durmo, o computador desligado, um sono trôpego, um abandono. E sonho sem saber que estou vivo / histórias de medo.

Se acordo / é madrugada / a égua viva longe deve estar apagada, a força dentro dela feto refazendo pra amanhã / amanhã. Os cadáveres quadrúpedes fantasmas se levantam. Me livro do pesadelo e vejo outro pesadelo, outro, e outro. A tropa morta que / acorda / e enche os pampas, enche os continentes / purga o nunca findo

/// até que raia um novo dia. Aí sim acordo / com dor de cabeça. Quando abro a janela, me olha a mesma égua, já pronta, já sabe. E espera que eu responda. Começamos?

*um estalo  
surdo embala  
a vida nua atada  
aos braços fios elétricos*

*o dia e suas pétalas se fecham  
e sonham tigres e ametistas  
oceanos e assassinos que voam  
assim que o dia vem e o vento o leva*

*no nó do seio do antropoceno  
atado em medo e devaneio torça  
o corpo, novelo de pétalas e noite  
que estremece num abalo:*

*– encontre aquele estalo*

*“é preciso viver com terror e alegria”*

*Donna Haraway*

~

Este livro é, com gratidão, para Alciana Paulino, Andrea Longobardi, Bruno O., Carolina Menegatti, Cesar Fernandes, Cícero Oliveira, Dri Oliveira, Ecila Cianni, Giovana Bonamim, Gui Mohallem, Júlia de Carvalho Hansen, Lia Urbini, Luiz Pimentel, Mayana Redin e Tiago Kaphan.

Também é para todas as pessoas que estão vivas agora.

\*

Os contos “Ela rasteja” e “Os aviões” foram primeiro publicados na revista *Geni* (<http://revistageni.org>). Os outros foram publicados, quase todos, em redes sociais ou no meu blog.

\*

Direito de ser traduzido, reproduzido e deformado em todas as línguas.

São Paulo de Piratininga, 2011-2015